Construção de Vínculos Parentais

*Walter Gomes**

Os vínculos parentais não são determinados geneticamente, mas construídos no dia a dia mediante entrega, cuidado, proteção e afeto.

Ser pai ou ser mãe são funções desempenhadas por quem foi tomado pelo desejo de criar uma história de amor especial em relação a um ser caracterizado pela dependência de cuidados protetivos e supridores. Não basta apenas a contribuição biológica para ser tornar pai ou mãe, é indispensável que haja a construção dos papéis por meio da entrega, da devoção, do afeto e da responsabilidade. Não se pode falar em existência de parentalidade sem que os vínculos do amor incondicional estejam sobejamente estabelecidos.

Fazemos parte de um contexto sociocultural que procura sacralizar os laços de consanguinidade mesmo que estejam esvaziados do sentimento de cuidado e apreço pelo outro. Para muitos, se existe a comprovação de que os laços genéticos estão presentes, a existência da família está configurada e materializada. Ou seja, para essas pessoas, os laços de sangue são, por si sós, suficientes para garantir aos indivíduos o sentimento de pertencimento parental e felicidade familiar.

Essa concepção me parece linear e reducionista e não resiste a uma análise mais cuidadosa e contextualizada, sobretudo quando se verifica, em escala mundial, um crescente esfacelamento do dito modelo tradicional de família em razão das crescentes e vertiginosas taxas de violência doméstica, negligências, omissões e toda sorte de violação de direitos infantojuvenis perpetrados por adultos que, em tese, teriam a sagrada missão de proteger, suprir e amar. O mais grave é saber que toda essa barbárie tendo como cenário o "ambiente familiar" e as maiores vítimas são crianças e adolescentes em complexa fase de desenvolvimento, que demandam especiais e ternos cuidados e necessitam de cativantes modelos de saudável cidadania e boa civilidade.

Não se pode simplesmente acreditar que a mera consaguinidade resultará no estabelecimento automático das funções e prerrogativas parentais sem qualquer esforço ou investimento das pessoas. O tornar-se pai ou mãe surge por meio de uma entrega contínua e ininterrupta em forma de dedicação, presença, diálogo, escuta atenta, renúncia, exercício adequado da autoridade, responsabilidade e disponibilidade afetiva.

A qualidade dos vínculos constituídos na relação com os filhos vai se refletir no tipo de cidadania a ser vivenciada por eles nos diversos contextos de vida. Não se pode olvidar que o exemplo dos pais repercutirá indutivamente, para o bem ou para o mal, nas decisões, escolhas, sonhos e projetos de seus filhos. Essa realidade é magistralmente ilustrada pelo secular provérbio que reza *"ser a semeadura livre, mas a colheita obrigatória"*. O que os pais plantam em termos de ensinamentos, valores, princípios e condutas estará, a seu tempo e a seu turno, gerando toda sorte de frutos, bons ou ruins, doces ou amargos. Saibamos todos, pais e mães, que voluntária ou involuntariamente somos verdadeiros modelos de aprendizagem para nossos filhos e não há como fugir ou evitar esse fato.

Pai e mãe não nascem prontos; são esculpidos no dia a dia em meio às diversificadas circunstâncias que tangenciam a caminhada humana. Esse processo nunca se encerra, mas se renova continuamente, pois a possibilidade de novas aprendizagens e aperfeiçoamentos não se esgota no transcorrer da vida. A cada dia, podemos nos tornar pessoas melhores em cada dimensão da existência: como cidadão, como pai ou mãe, como filho, como trabalhador, como ser religioso, como membro da natureza. Que sejamos, hoje, melhores do que fomos ontem! Que os vínculos que

estamos construindo com nossos filhos sejam capazes de protegê-los, promovê-los e prepará-los para uma vida significativa e uma cidadania exemplar.

**Psicólogo e supervisor da Seção de Colocação em Família Substituta da Vara da Infância do Distrito Federal*